

Journal do Evulário 26 de Março de 2015

90 por cento dos doentes ainda não têm acesso a Cuidados Paliativos



“TODOS os dias continuam a morrer pessoas sem acesso a Cuidados Paliativos”. O alerta foi deixado pelo presidente da Associação Nacional dos Cuidados Paliativos, Manuel Luís Capelas, numas jornadas realizadas, na semana passada, em Castelo Branco, “umaregião que foi berço

dos Cuidados Paliativos em Portugal”, como lembrou aquele responsável. Várias décadas depois, a realidade portuguesa continua longínqua que deveria ser. Portugal mantém-se nos últimos lugares da União Europeia, ultrapassando apenas o Chipre, a Grécia, os países de leste e do báltico.

“São residuais os passos dados para que a integração dos Cuidados Paliativos seja uma realidade”, lamentou Manuel Luís Capelas, denunciando que “90 por cento dos doentes que precisam ainda não têm acesso àqueles cuidados”. Triste retrato nacional!

“É preciso continuar a lutar para

que o direito à dignidade na morte seja uma realidade”, adverte, sublinhando que em Portugal não há igualdade no acesso aos Cuidados Paliativos e que poucos investimentos foram feitos nessa área.

De acordo com aquele responsável, espera-se “há dois anos pela regulamentação da Lei de Bases dos Cuidados Paliativos”. Em outubro do ano passado, os Cuidados Paliativos tinham apenas 259 camas no Serviço Nacional de Saúde, o que correspondia a uma taxa de cobertura de 26 por cento, ou seja, muito aquém das reais necessidades... “Necessitamos de cerca de 1.062 camas, mas mais importante seria termos 130

equipas de Cuidados Paliativos Domésticos”, mas temos pouco mais de 11”, disse, sublinhando a necessidade de desenhar uma verdadeira rede nacional que esteja disponível 24 horas por dia e sete dias por semana.

Manuel Luís Portela critica também o novo modelo de gestão de camas dos Cuidados Paliativos. Considera “preocupante” o facto de passarem a ser geridas pela Rede Nacional de Cuidados Continuados, classificando-a como “muito burocratizada”, “com tempos médios de espera muito longos” e “sem atender aos critérios de complexidade dos doentes”.

LUCA REIS